

# REDEMOCRATIZAÇÃO E JUVENTUDE NO *MUNDO JOVEM* NA DÉCADA DE 1980

## REDEMOCRATIZATION AND YOUTH IN THE *MUNDO JOVEM* IN THE 1980S

Isabelle Valverde Silva<sup>1</sup>

Luciana Rossato<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo investiga como o *Mundo Jovem* se posicionou ante a redemocratização do País em relação aos processos políticos que ocorreram na década de 1980. Para isto, serão analisadas as matérias veiculadas e que tinham os jovens como seus principais leitores. Foram selecionados artigos e seções voltados exclusivamente a temas como história da política brasileira, criação dos novos partidos e suas ideologias, além da apresentação dos principais candidatos que concorreram à presidência da República em 1989. Este artigo é resultado da pesquisa “A imprensa e os jovens: representações sobre a juventude veiculadas na imprensa brasileira (1960-2000)” e dispôs de financiamento da FAPESC.

**Palavras-chave:** Juventudes católicas. Imprensa. *Mundo Jovem*. Década de 1980.

### ABSTRACT

This article investigates how the *Mundo Jovem* positioned itself at the redemocratization of the country in relation of the political process that occurred on the 1980 decade. Will be analyzed all the newspaper stories whose teenagers are the main readers. Were selected articles and sections turned to subjects such as the brazilian political history, the creation of new political parties and their ideologies, beyond the presentation of the main candidates who run for republic president in 1989. This article is the result of the research “The Press and the Youth: representations of youth published by the Brazilian press (1960-2000)” has the financing of the FAPESC.

**Keywords:** Catholic youths. Press. *Mundo Jovem*. 80's.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar o posicionamento da publicação *Mundo Jovem* sobre as questões políticas que estavam sendo debatidas na década de 1980, marcada pelo processo de reabertura política com o final do

---

1 Graduada em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista PIBIC. E-mail: isabellevalverdesilva@gmail.com

2 Doutora em História. Professora Associada no Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora do Programa de Pós-graduação em História da UDESC e do Profhistória em Rede. E-mail: lucianarossato1972@gmail.com

regime militar<sup>3</sup>, a elaboração da nova constituição e as eleições diretas para presidente. Para alcançar este objetivo, foram analisadas 41 reportagens publicadas de 1980 a 1989. As fontes foram obtidas do acervo digitalizado em *CD Rom*, gentilmente disponibilizado pelos editores do jornal, localizado no campus da PUCRS, em Porto Alegre. Chegou-se às fontes a partir da palavra-chave “política” e da análise das matérias de capa de todos os números publicados no decorrer da década de 1980.

Tânia de Luca (2005) destaca que os impressos foram vistos durante muito tempo pelos historiadores como fonte tendenciosa e parcial, já que tinham como característica vincular-se a grupos políticos. Além disso, os impressos se caracterizam por veicular a diversidade de informações e de assuntos, desde opiniões políticas até folhetins literários. No entanto, a partir das reflexões sobre história propostas pela Escola de Annales, a imprensa começa a ser utilizada como fonte na pesquisa historiográfica, como escreve Luca:

[Com isso] já não se questionava o uso dos jornais por sua falta de objetividade - atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar -; antes, se pretendia alertar para o uso instrumental ingênuo que tomava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e estilizada a bel prazer do pesquisador (LUCA, 2005, p. 116).

O impresso *Mundo Jovem* começou a circular no ano de 1963, com o nome *SOS Vocações*, vinculado ao Seminário de Viamão. Em 1964, o nome foi substituído por *Lançai as redes*, mas continua com o foco em atrair jovens para integrar a Igreja Católica. Nesta época, circulava principalmente entre professores católicos do sul do País. Era publicado em preto e branco, com 8 a 12 páginas. Começou com 6 edições ao ano e, posteriormente, chegou a 10 edições. Em meados de 1967, adotou o nome *Mundo Jovem* e circulou de forma impressa até 2017. De 1967 a 1972 esteve vinculado à Igreja Católica. A partir de 1972 passou a estar vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a responsabilidade do Curso de Teologia.

A partir de 1971, o jornal passou a utilizar mais cores e a ser impresso em *offset*. Seu público leitor passou a ser constituído por jovens estudantes ligados à Igreja Católica. Também tinha como foco subsidiar os professores

3 O debate historiográfico acerca dos governos militares (1964-1985) coloca em disputa a nomenclatura regime/ditadura militar de modo a apresentar o conceito de regime/ditadura civil militar, ao apontar para a participação dos civis no processo que levou ao golpe de 1964 e sua posterior aceitação por parte da sociedade civil. Neste texto, optamos pelo uso do termo regime/ditadura militar. Para Carlos Fico (2017), apesar de o regime ter recebido apoio de grupos civis, religiosos, empresariais e midiáticos, isto não exclui que o caráter essencial do regime foi militar.

nas aulas de Ensino Religioso, Moral e Cívica e OSPB. Salienta-se que este impresso tem relação com outras experiências vinculadas a Igreja Católica para divulgar seus valores entre os jovens, tais como organizações e entidades como a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Operária Católica (JOC), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), entre outros. Antes mesmo do golpe militar, setores da Igreja Católica no Brasil voltaram para a atuação junto aos pobres e se vinculando com o que Michael Löwy denomina de cristianismo de libertação. Entre as formas de atuação muito atuante nos anos 1970 e 1980 destacam-se as CEBs em comunidades pobres tanto no campo como na cidade. Apesar de a cúpula da Igreja Católica ter apoiado o golpe militar:

[N]o curso dos anos 1970, a Igreja se transformou na principal força de oposição ao regime militar, denunciando, em nome do Evangelho, não só as violações aos direitos humanos, mas também o modelo de desenvolvimento promovido pela ditadura, caracterizado como desumano, injusto e fundado na opressão econômica e social dos pobres (LOWY, 2007, p. 313).

O foco deste artigo são as discussões que o *Mundo Jovem* trará a partir da reabertura política nos anos 1980 e a possibilidade de os jovens participarem das eleições presidenciais e, desta forma, escolherem novamente seus governantes após uma sequência de governos ditatoriais. Assim, foram destacadas notícias que trazem assuntos de cunho político que tinham o objetivo de instruir os jovens (público-alvo do jornal) e que retratam os ideais religiosos e partidários dos editores do impresso em análise.

Pierre Rosanvallon, em *Por uma história do político*, nos explica as relações do político e sua constituição histórica. Dentre as questões apresentadas ante a democracia e a história política, ele faz uma reflexão dos desdobramentos da visão política entre as décadas de 1960 a 1980:

Até o final da década de 1960, a visão de uma divisão ideológica fundamental serviu para organizar o espaço intelectual em torno da oposição entre duas visões hegemônicas de mundo: a marxista e a liberal. [...] Na década de 1970, uma nova versão da crítica do totalitarismo alterou essas convicções, levando a uma análise mais profunda do problema da democracia. Desde o fim dos anos 1980, num contexto caracterizado pela ascensão do nacionalismo e pela crise do Estado de Bem-Estar, a necessidade de um novo contrato social prolongou essa busca, contribuindo para tornar as questões políticas novamente centrais (ROSANVALLON, 2010, p. 34).

Logo, o período retratado no artigo está imerso nesse contexto ideológico de formação política. Para analisar o *Mundo Jovem* na década de 1980, é necessário compreender as facetas que influenciaram as ideias defendidas em suas páginas. O editorial de dezembro de 1979 destaca:

O ano de 1979 termina e aqui na redação de *Mundo Jovem* cresce uma consciência: a consciência da missão de nosso jornal enquanto oferta de leitura sadia. *Mundo Jovem* se propõe a contribuir para a formação do jovem que o lê. Fornecer conteúdo para o jovem ler, pensar, definir e enriquecer a sua vida (*Mundo Jovem*, dez. 1979, p. 4).

## 1 BRASIL NOS ANOS 80

A década de 1980 trouxe muitas transformações e o contexto brasileiro é marcado por mudanças políticas como o fim dos governos militares, a elaboração de uma nova constituinte e as eleições diretas para presidente realizadas em 1989. O *Mundo Jovem* convocava a juventude de então a participar ativamente dos debates e se envolver com as questões nacionais. A organização do jornal era dividida em seções, editoriais e artigos. As seções enfocaram temas variados, como: medicina popular, Igreja e mundo moderno, filosofia, juventude rural, vocações, Campanha da Fraternidade, credo, literatura, Jesus que se revela aos homens, leitura crítica, recado dos leitores, história da Igreja, liturgia, como redigir, direito, política, partidos políticos, mulher, relendo a história, MJ comenta, psicologia, crônica, problemas brasileiros. Observa-se que a visão religioso-cristã e católica permeia este impresso, que tinha como público os jovens católicos, sua vida e seus interesses.

O jornal apresenta assuntos de cunho político de diversas formas, levando em consideração a abertura política e o afrouxamento da censura, a partir do final da década de 1970. Desta maneira, mesmo dando destaque a temas como casamento, religião, família etc., o que condiz com um impresso vinculado à Igreja Católica, este jornal, na década de 1980, se caracterizava também por trazer temas sociais e políticos. Alguns deles constituíram matéria de capa, como: “América Latina, genocídio e saque” (*Mundo Jovem*, março de 1986); “As eleições garantem a democracia ou ainda o privilégio dos grandes?” (*Mundo Jovem*, novembro de 1988); “Dívida externa: quando deixaremos de ser o prato cheio dos ricos?” (*Mundo Jovem*, abril de 1987); “Desemprego, são milhões de brasileiros desesperados” (*Mundo Jovem*, junho de 1984); “Preço da paz: terra e comida para todos” (*Mundo Jovem*, julho de 1981). Constata-se que a publicação fazia críticas à pobreza, ao desemprego, a aspectos da economia, bem como veiculava debates sobre o pertencimento da terra, o genocídio de indígenas, e assim por diante, exprimindo, assim, uma

preocupação com alguns dos problemas nacionais. Para compreender as questões políticas veiculadas pelo jornal, é necessário analisar o que foi publicado e estabelecer relação com a política e a sociedade brasileira da época.

Em 1964, foi instaurada no Brasil uma ditadura militar cujo tempo de duração foi de 21 anos. Nesse período, a imprensa sofreu com a implementação de censura nas mídias a partir do Ato Institucional número cinco (AI-5)<sup>4</sup>. Segundo Carlos Fico:

A história da ditadura militar tem sido vista como a história do confronto entre repressão política e 'luta armada'. Esse combate se tornou o fato emblemático do período, tendo constituído memória, imaginário, iconografia, filmografia, etc. que atribui às ações armadas urbanas, à chamada guerrilha do Araguaia e à repressão, a ambas importância histórica desmedida (FICO, 2017, p. 41).

Neste artigo, o historiador expõe sua visão ante as questões historiográficas, como a preservação de acervo, a memória e o imaginário que se fixaram nas pessoas que viveram no período e sua relação com as mídias quando se debatia sobre o assunto. Com isso, percebe-se que muitas pessoas se mantiveram alheias às diversas situações que vigoraram durante os 21 anos da ditadura. Desta forma, a restrição no acesso às informações, limitadas ao convívio social, bem como o fato de grande parte das notícias nacionais serem ocultadas contribuíram para a formação de uma memória mais branda na população em geral.

O governo de Ernesto Geisel<sup>5</sup> deu início ao processo de “descompressão”, gerando maior abertura na mídia impressa, durante a década de 1980 (constituída principalmente por jornais e revistas de diversos cunhos ideológicos). Segundo as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, isto ocorreu a partir do Pacote de Abril, que “adiou para 1982 a eleição indireta para governadores, alterava a composição do colégio eleitoral que

---

4 O Ato Institucional nº 5, AI-5, foi baixado no governo do general Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. Vigorou até dezembro de 1978. Com este ato, o governo pode decretar o recesso do Congresso Nacional, intervir nos municípios e estados, cassar mandatos parlamentares e suspender direitos políticos e *habeas-corpus*, bem como decretar o confisco de bens. Com este ato, iniciou-se o período mais duro da ditadura militar brasileira, com perseguição aos opositores políticos do regime. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2021.

5 Ernesto Geisel (1907-1996) foi o 29º presidente do Brasil e o quarto presidente do período ditatorial militar brasileiro. Seu governo se estendeu por cinco anos, de 15 de março de 1974 a 15 de março de 1979. Era general do Exército Brasileiro. Exerceu o papel de ministro do Superior Tribunal Militar em 1966 e foi o 13º presidente da Petrobras, de 1969 a 1973.

deveria escolhê-los, de modo a reforçar a presença da Arena” (2015, p. 389).

Em 1978, iniciou-se o governo do general João Figueiredo, cujo mandato deu prosseguimento às políticas de reabertura de Geisel. A Lei de Anistia<sup>6</sup> foi planejada para que os generais voltassem aos quartéis de forma que não fossem investigados os crimes praticados durante a ditadura, principalmente os casos de tortura e morte de opositores políticos. Ao mesmo tempo que a lei possibilitou a volta dos exilados e a restituição de seus direitos políticos também abrangia os torturadores que participaram da ditadura, o que gerou contradição ante a Convenção Americana de Direitos Humanos, “por entender que as graves violações a direitos humanos praticadas por agentes da ditadura não prescrevem e devem ser investigadas e punidas” (ROTHENBURG, 2013, p. 682).

Com o processo de reabertura política, passou a ser permitida a criação de novos partidos e, em 1980, foi restaurada a eleição direta para senadores e governadores, mas apenas em 1982 seriam exercidas tais mudanças.<sup>7</sup> Dessa maneira, nessas eleições, cinco partidos lançaram candidatos: o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), antigo MDB; o Partido Democrático Social (PDS), antiga Arena; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), antigo partido de Getúlio Vargas e João Goulart, e dois novos partidos: o Partido dos Trabalhadores (PT), oriundo das lutas operárias, liderado por Luís Inácio da Silva (Lula), e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), criado por Leonel Brizola quando de sua volta do exílio. Nesta eleição, a oposição elegeu dez governadores (nove do PMDB e um do PDT)<sup>8</sup>.

Em 25 de abril de 1984, foi votado no Congresso a emenda parlamentar Dante de Oliveira,<sup>9</sup> que propunha o retorno das eleições diretas para a presidência. Derrotada foi, segundo Jorge Ferreira, umas das mais impactantes. Os comícios pelo retorno ao direito de escolher o presidente mobilizaram milhões de pessoas em diferentes estados do país e juntou políticos de diferentes partidos bem como intelectuais e artistas. O país vivia

6 Art. 1º É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares. Dados disponíveis em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm)>. Acesso em: 6 mai. 2021.

7 Dados disponíveis em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores>>.

8 Dados disponíveis em: <[https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrivendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy\\_of\\_decada-de-80](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrivendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-80)>. Acesso em: 6 mai. 2021.

9 A Emenda Dante de Oliveira visava alterar os artigos 74 e 148 da Constituição Federal de 1967, criada durante a ditadura militar. Desta forma, as eleições para presidente seriam diretas.



uma recessão, desemprego, inflação ascendente de mais de 200% ao ano, endividamento externo alto a ponto de ser decretado a moratória aos credores. Com isso milhões de brasileiros passavam fome ou estavam subnutridos. (FERREIRA, 2018).

Em meio a tantas mudanças, os jovens se encontravam em um cenário no qual as eleições para deputado federal, senador, governador, deputado estadual/distrital/de território, prefeito, vice-prefeito e vereadores ocorriam ao mesmo tempo. Nesta época, o *Mundo Jovem* produziu artigos e reportagens apresentando e explicando temas voltados às questões políticas. Desse modo, na primeira metade da década, o jornal fez questão de introduzir uma seção sobre a história dos partidos políticos, e sua formação no Brasil, explicando também a formação dos partidos que surgiram no início da década de 1980, e sua perspectiva política. Tais artigos destinavam-se a orientar como votar e como fazer uma escolha consciente.

Em 1982, de junho a outubro, o *Mundo Jovem* publicou a seção “Partidos Políticos Brasileiros”, fazendo uma retrospectiva desde o Império até o ano de 1982, elaborada pelo historiador Joaquim José Felizardo. No decorrer de quatro meses, a sessão explicou sobre o partido Liberal e o Conservador, que vinham desde o período imperial, descreveu a organização no período da República Velha, do governo de Getúlio Vargas e do Estado Novo, a redemocratização, eleições e o golpe militar, evidenciando a história política nacional e passagens de poder entre governos ditatoriais e experiências democráticas. Em 1982, as eleições diretas para deputado federal, senador, governador, deputado estadual/distrital/de território, prefeito, vice-prefeito e vereadores foram retomadas no Brasil. Devido a isto, o jornal se preocupou em expor aos jovens leitores de 1980 a trajetória política do Brasil e a importância do voto direto para a escolha dos representantes políticos nas diversas instâncias de poder. A seção também visava informar sobre o bipartidarismo presente na Ditadura, extinto em 1979, abrindo espaço para que novos partidos fossem criados. Joaquim Felizardo expressa sua opinião ante aos novos partidos, escrevendo:

Em linhas gerais, pode-se afirmar que o PDT, PMDB e PT reivindicam mudanças profundas no atual modelo de desenvolvimento, concretamente no que concerne a distribuição de renda, da propriedade e dos benefícios sociais do desenvolvimento, mediante uma maior participação política dos cidadãos e o maior controle popular sobre as nossas riquezas face a dependência externa (*Mundo jovem*, outubro de 1982, p. 10).

Sendo assim, o jornal<sup>10</sup> expôs que mudanças estavam ocorrendo com os partidos de centro (PMDB) e de esquerda (PDT e PT) e tecia críticas contra o capitalismo e a alguns dos ideais de mudança vinculados à esquerda partidária. Desse modo, por se tratar de um ano em que a abertura das eleições diretas para diversos cargos seria realizada, o jornal também lançava esporadicamente artigos de cunho político. Nos meses de agosto a outubro de 1982 o jornal pautou religião, ética e política. Em outubro, publicou uma entrevista com Frei Betto<sup>11</sup> no qual dizia que “Devemos votar nos candidatos que estejam do lado do povo oprimido” (*Mundo Jovem*, outubro de 1982, p. 12), evidenciando, desta forma, o envolvimento da Igreja com as questões políticas, sociais e com os princípios cristãos. Essa mesma pauta - religião vinculada à política - retornou em 1986. O jornal *Mundo Jovem* alinhava-se com a ala da igreja católica conhecida como Teologia da Libertação<sup>12</sup>. Isto é mais perceptível nos anos 1980 e 1990. Na década de 1970 o foco ainda era majoritariamente as questões religiosas e espirituais para a formação dos jovens leitores católicos não clérigos.

Há um hiato em relação a artigos diretamente vinculados com a política brasileira até 1985, ano em que as eleições indiretas para presidente ocorreram. Em março, um editorial expôs as nove propostas que Tancredo Neves fez durante a eleição, enfatizando a responsabilidade com a democracia e com o cumprimento de suas promessas. Dessa maneira, o jornal seguiu um viés político pelo resto da década, evidenciando a importância do voto em artigos, como fez em 1982 e em 1986, quando enfatizou a questão da venda de votos.

Em 1989, quatro anos após as eleições indiretas, ocorre a primeira eleição direta presidencial desde 1960 e o jornal cria a seção *Política* com o objetivo de instruir os jovens sobre o novo cenário político instaurado. A seção aparece no jornal entre os meses de março e novembro, com artigos que

10 Em muitos momentos, ele se definia como “um jornal de ideias”. No entanto, o formato de revista (31,5 x 22,1), a periodicidade mensal e a segmentação do público - grupos e comunidade eclesiais, estudantes e professores - a caracterizavam como uma revista.

11 Frei Betto é frade dominicano não clérigo. Durante a ditadura foi preso por seu envolvimento com grupos de esquerda e por ajudar perseguidos a fugirem do país. Em 1979, passa a atuar na pastoral operária de São Bernardo do Campo. Tem vários livros publicados e, na década de 1980, era atuante nas Comunidades Eclesiais de Base e nos movimentos sociais.

12 Segundo Marcelo Ayres Camurça, “a Teologia da Libertação se estruturou através da crítica a uma teologia tradicional, para quem os pobres deviam ser objeto da caridade e não agentes da própria libertação. Sendo a categoria “pobre” central no cristianismo, a apropriação do marxismo serviu para desvelar os pobres como oprimidos, cuja pobreza é fruto da acumulação e exploração do seu trabalho e não de uma fatalidade ou desejo divino. Para os teólogos da libertação, a salvação não se realiza no plano individual, mas coletivo, sendo a luta pela libertação uma antecipação do “Reino de Deus” (2007, p. 394)



tratam de diversos aspectos, estreando com o título “Finalmente eleições presidenciais!” (*Mundo Jovem*, março de 1989, p. 7), com o qual comemora o retorno das eleições diretas, apresentando debates sobre classe, governo e direitos da população. Em abril, a seção contava com artigos sobre a constituinte estadual, as correntes de pensamento e os deveres do deputado estadual.<sup>13</sup> Após um hiato de três meses, a seção retorna em setembro, com a seguinte matéria: “Mudanças substanciais, só com outra constituição” (*Mundo Jovem*, setembro de 1989, p. 11), reiterando a necessidade de aprofundar a desvinculação com os anos de ditadura militar e com toda a legislação produzida neste período e que ainda influenciava na administração do país. Em outubro, o jornal segue apresentando os presidenciáveis e seus partidos. O ano termina com a matéria de novembro, sobre organização social, modelos de administração e a contraposição entre a classe trabalhista, a força de trabalho e o dono do capital, possibilitando aos jovens leitores se informar sobre questões importantes acerca do debate político, de modo a terem condições de participar de uma sociedade democrática.

## 2 AS CAPAS DO JORNAL

As capas do *Mundo Jovem* chamam a atenção por apresentarem coloração extravagante no início da década e, com o passar dos anos, vão dando lugar ao *design* com cores pastel, “diluídas”. As chamadas vinham acompanhadas de fotos e desenhos que representavam o tema principal da edição. Ademais, as matérias de capa destacavam-se pelos temas significativos e polêmicos, voltados ao público jovem e católico, normalmente com visão conservadora, mas sem implicar falta de informação em assuntos como sexo, aborto, constituição de família, festas, partidos políticos, votos, militância, sindicato, e assim por diante.

---

13 A Constituinte Estadual foi criada em 1988 e executada em 1989 no processo de redemocratização para assegurar os direitos e singularidades de cada estado, garantindo mais autonomia e menos dependência do governo federal.

Figura 1 – Capa do *Mundo jovem* de maio de 1982.

**Fonte:** CD-rom disponibilizado pela editora.

Em análise das reportagens dos anos 1970, são constantes as discussões sobre família, casamento e relacionamento tratadas pelo jornal. Há certa neutralidade nos comentários políticos, o que mudou a partir do início dos anos 80, quando discussões acerca de questões políticas e problemas sociais começaram a serem mesclados com as discussões sobre família e religião. Isto pode ser observado na capa da edição de maio de 1982, que indica três matérias: “Burocracia: à direita e esquerda”; “Capitalismo: conceitos e críticas” e “Eleição: o nosso direito de votar”. A capa traz como matéria principal: “A simplicidade e pureza do sexo” que apresenta textos sobre educação sexual, a visão de sexualidade na Igreja Católica e a importância da sexualidade saudável na vida adulta, como reflexo da educação e da valorização de princípios desde a infância. Este destaque a uma reportagem sobre vida privada, seguindo a linha muito presente nos anos 1970, talvez fosse uma estratégia para lidar com a censura, ao mesmo tempo em que nas chamadas menores davam destaque a temas políticos ou sociais.

Figura 2 – Capa do *Mundo jovem* de outubro de 1982.



Fonte: CD-rom disponibilizado pela editora.

Já em outubro de 1982, *Mundo Jovem* veicula matérias que expõem temas vinculadas ao voto, às eleições, aos presidentes antes da ditadura e aos partidos, que já haviam sido extintos duas vezes. A chamada de um dos textos - “Voto quanto mais complicado melhor. Para a situação” - bem como a imagem de um homem confuso, representando o eleitor, com livros ao seu lado, cujos títulos apresentam “Casuísmo”, fazendo referência à submissão de ideias e doutrinas, “democracia”, “mordomias do sistema” e explicando o “ABC do voto”, indica que o tema daquele número seria dedicado a explicar ao leitor aspectos relacionados às escolhas políticas. Destaca-se, nas capas e nos textos publicados na década de 1980, a preocupação em educar, preparar os jovens leitores para participarem da política, seja através do voto, seja através de outras formas de organização. Segundo Jorge Ferreira, entre 1974 e 1982 os militares tiveram controle sobre o processo de redemocratização. Já de 1982 até 1985 não tiveram mais domínio absoluto uma vez que novos atores voltaram a cena política. Além do movimento estudantil que voltou às ruas a partir de 1977, em 1978, os operários do ABCD paulista entraram em greve e:

[M]ovimentos sociais eclodiram pelo país, desde as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da Igreja Católica, até as associações de bairros. Todos exigiam democratização do Brasil, superação da crise econômica e melhores condições de vida. Instituições como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre outras, exigiam a redemocratização. Em 1982, governadores foram eleitos pelo voto direto, o que lhes garantia legitimidade. Os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais passaram a ser governados, respectivamente, por Leonel Brizola, Franco Montoro e Tancredo Neves, lideranças políticas de oposição. O PMDB elegeu bancada de duzentos deputados. O poder militar ainda era inquestionável, porém não tinha mais o mando exclusivo do rumo dos acontecimentos. (FERREIRA, 2018, p. 32)

Na edição de outubro de 1985, com a chamada central - “Sindicalismo no Brasil”, a publicação estuda os movimentos sociais que começaram no início do século. O tema “Ainda continuam sem autonomia”, acompanhada da fotografia de Oswaldo Biz, representava os movimentos da juventude atrelados ao sindicato e aos direitos dos trabalhadores. O editorial, que fazia referência à capa, declarava sua indignação diante da possibilidade de aprovação do Congresso que dava aos senadores e deputados poderes constituintes, reclamando sobre os espaços do sindicato e as vozes do povo que seriam silenciadas ante a assembleia. A frase “O povo não pode continuar votando em gente tirada de paletó e apresentada aos trabalhadores como redentores de seus problemas. Estes não são políticos, mas demagogos. Não são democratas, mas oportunistas” (*Mundo Jovem*, outubro de 1985, p. 4), concluía o editorial e afirmava o ideal de mudança pela atuação partidária, conciliada com a posição ante o voto e sua importância como instrumento de mudança, retirando as elites do foco político e dando voz à classe trabalhadora.

Figura 3 - Capa do *Mundo jovem* de outubro de 1985.



Fonte: CD-rom disponibilizado pela editora.

Em 1987, a Assembleia Constituinte era assunto frequente nas páginas do jornal. A capa da edição de junho deste ano traz uma provocação sobre a credibilidade da Constituinte, que estava a se formar. A questão era se os políticos envolvidos seriam apenas marionetes nas mãos do Estado e se realmente teriam preocupação com o povo. A divergência de opinião sobre a necessidade de uma nova constituição, e a quem beneficiaria, também era colocada na capa, trazendo o debate sobre a possibilidade de manipulação e a contraposição sobre a negociação entre os distintos interesses dos diferentes grupos que se faziam representar na Constituinte. A intenção era propiciar aos leitores jovens a oportunidade de refletirem sobre o assunto e formar sua opinião. A explicação do Plano Cruzado também foi apresentada neste fascículo, o que se deve à relevância econômica deste plano econômico e à importância de o jovem compreender a política econômica e seu impacto na vida e no futuro dos jovens.

Figura 4 - Capa do *Mundo Jovem* de junho de 1987

**Fonte:** CD-rom disponibilizado pela editora.

A edição de novembro de 1989 apresenta a chamada “Finalmente, eleições presidenciais” e traz o desenho da urna com uma cédula que contém o nome de 22 candidatos à presidência. Nesta edição, o jornal faz a apresentação dos candidatos aos eleitores jovens, que nunca tinham votado para presidente, e para os não tão jovens também, já que era a primeira eleição presidencial desde 1960. A grande quantidade de candidatos, a pluralidade de partidos após tantos anos sem eleições e com somente dois partidos permitidos era mais um motivo para que o impresso dedicasse vários textos que tinham como objetivo fazer com que seus leitores se interessassem pelo debate e pelas diferentes posições e propostas envolvidas. O objetivo era contribuir para que os leitores tivessem condições de participar das eleições. Assim, o artigo apresentava sobre os candidatos, expondo as características de seus partidos e seu histórico político.



Figura 5: Capa do *Mundo jovem* de novembro de 1989.



Fonte: CD-rom disponibilizado pela editora.

### 3 A JUVENTUDE EM UM IMPRESSO CATÓLICO

O *Mundo Jovem* carrega em seu nome o público para o qual é destinado, ou seja, os jovens. Este viés aparece de maneira explícita tanto no título quanto nos editoriais e nos textos. Pelo histórico do jornal e pela vinculação de seus responsáveis, o foco era a juventude religiosa que seguia os ensinamentos da Igreja Católica. Os temas escolhidos pelo jornal para serem veiculados nas diferentes seções eram voltados ao público jovem cristão, tratando frequentemente de sexo, drogas e lazer. O impresso também pretendia ser bastante utilizado pelos grupos de jovens e também pelos professores de Ensino Religioso ministrado nas escolas públicas. Ao pesquisar o acervo da publicação dentro do recorte temporal da década de 1980, foram encontradas cerca de 100 menções explícitas à juventude.

Em 1985, o artigo intitulado “Os jovens: primeiros cidadãos da nova sociedade” mostrava aos jovens como eles podiam contribuir para a sociedade:

Quando a gente começa a pensar nesse mar de lama, de corrupção e de desonestidade que se espalha pelo nosso Brasil, vem à cabeça essa grande pergunta: e o que é que os jovens podem fazer para mudar essa situação? Em primeiro lugar, é preciso dizer que os jovens têm força e meios para mexer

nessa situação. Crer que a mudança é possível é fundamental (*Mundo Jovem*, outubro de 1985, p. 15).

Esse impresso fazia um chamamento explícito à juventude como agente de mudança social, por considerá-los cidadãos que podiam e deviam fazer a diferença, por serem donos de uma força que podia tirar o país da corrupção. Em reportagem publicada no ano anterior, o jornal destacava que a juventude havia sido calada pela ditadura após 1968, por 10 anos, ao dizer que “o silêncio imposto tentou extinguir a força da juventude organizada e consciente” (*Mundo Jovem*, outubro de 1984, p. 16). No entanto, essa situação se modifica a partir de 1979, quando a juventude volta a se organizar em pequenos grupos de estudantes em diversas partes do país, o que culminou na primeira reunião nacional da Pastoral da Juventude Estudantil em julho de 1982. Nesta mesma nota, o *Mundo Jovem* se dirige ao jovem quando diz: “Você, como estudante cristão, faz parte desta longa e, tantas vezes, sofrida caminhada. Você pode ajudar nessa luta pela transformação da escola e da sociedade” (*Mundo Jovem*, outubro de 1984, p.16).

O jornal historiciza a participação dos jovens nas lutas sociais, relacionando-a com os anos da ditadura militar, quando os grupos não puderam manter seus encontros e sua organização. Agora, o jovem podia fazer parte dessas mudanças também como agente transformador. A noção de juventude como o novo, como o detentor da mudança, estava presente e era constante neste impresso. Isto é um aspecto que o diferencia em relação a outros que normalmente apresentavam o jovem ou como estudante ou como problema, ou então na publicidade. Esta visão sobre a juventude está presente nas revistas *Veja* e *IstoÉ* nas décadas de 1980 e 1990, segundo Nathalia Hermann (2019). A representação difundida sobre os jovens neste período é que eles eram conservadores, consumistas e individualistas, principalmente se comparados com a imagem idealizada em relação aos jovens dos anos 1960 e 1970, vistos como combativos e transgressores.

Em 1989, o *Mundo Jovem* reitera a ação dos grêmios estudantis e a importância do jovem como agente transformador; porém, no fim da década, a mensagem questiona a atuação dos jovens e sua participação na luta pela garantia de seus direitos. Entretanto, é levantada a questão sobre a consciência dos direitos adquiridos pelos jovens:

Mas, será que a consciência dos direitos está presente nos estudantes? Os jovens estudantes, que constituem uma porção vasta e promissora da sociedade brasileira, estão inseridos ativamente na luta pela efetivação dos direitos que lhes cabem e pertencem de modo inalienável? Eles podem recusar e ignorar a participação nas organizações específi-

cas, com vistas a darem as respostas vitais que o país exige hoje dos seus cidadãos? (*Mundo Jovem*, agosto de 1989, p. 18).

A militância jovem, associada à Igreja, também é debatida quanto a seus valores e importância. Por conseguinte, o chamamento da juventude para participar da Pastoral da Juventude, da vida política e das esferas de decisão da sociedade, assumindo o papel de cidadão, é explicitado neste excerto de 1988:

Quando se trata do processo de militância na pastoral da juventude, de imediato associamos isso à ideia de um jovem comprometido com o projeto de Jesus Cristo, e atuante nos organismos de classe, associações, sindicatos, partidos, movimento estudantil, etc, que visam a transformação das estruturas injustas e opressivas da nossa sociedade. Porém, nas diretrizes da PJ no Brasil, fala-se muito da militância na própria esfera eclesial, o que, na prática, tem sido pouco valorizado. Atuação na comunidade eclesial, via de regra, exemplificada com a prática dos grupos de jovens que estão no processo de iniciação. Fala-se de liturgia catequese, diretorias, comunitárias, boletim paroquial, festa do padroeiro, etc. A ação dos limites internos da igreja é vista como um estágio ingênuo de consciência que não leva à transformação. Parece tratar-se de um reducionismo que tem, nas suas raízes, uma formação secularizante, a falta de uma vivência teológica e a ausência de uma eclesialidade autêntica (*Mundo Jovem*, outubro de 1988, p. 17).

Neste texto, os editores relacionam as questões seculares às eclesísticas, pois as transformações no meio religioso não estavam caminhando tão fortemente, de acordo com o autor, por falta de base teológica, vivência verdadeira da fé e secularização das coisas divinas, indicando falta de engajamento e seriedade dos jovens para com as questões políticas e clericais. Este aspecto indica a relação estreita dos editores do jornal com a Teologia da Libertação. Segundo Löwy (2007) o pioneiro foi o padre gaúcho Hugo Assmann, aluno de Adorno e Horkheimer, vinculado ao Instituto de Teologia de São Paulo e autor do livro *Opresión-liberación, desafío a los cristianos*, publicado em 1971, em Montevideo. Em sua reflexão, ele se apropria do referencial analítico do marxismo para analisar a situação latino-americana e para pensar uma sociedade igualitária. Mas o mais conhecido teólogo da libertação no país é Leonardo Boff, autor de *Jesus Cristo libertador e Igreja:*

*carisma e poder*<sup>14</sup>, entre inúmeras obras. Enquanto, no primeiro livro, há poucas referências ao marxismo, «é pouco a pouco, no curso dos anos 1970, que os conceitos e temas marxistas vão surgindo na obra de Boff, até se tornarem um componente fundamental de sua reflexão sobre as causas da pobreza e sobre a luta pela libertação dos pobres» (LÖWY, 2007, p. 312).

O que se constata a partir da análise das reportagens, textos e editoriais publicados é uma visão positiva dos jovens e um constante chamamento deles para a reflexão sobre o contexto social brasileiro e para o engajamento na luta política por uma sociedade no qual a pobreza e a opressão fossem suprimidas. O jornal *Mundo Jovem* expõe, diversas vezes, sua posição a favor do posicionamento político por parte dos jovens. Entre os temas em destaque no jornal, na década de 1980, estão os políticos, assim como as eleições e a atuação política. A seguir, serão apresentados alguns pontos específicos vinculados às eleições da década de 1980, como as citações a Tancredo Neves, a criação da Constituinte, e outros, em que o chamamento à participação dos jovens pode ser constatado.

Após longo período de censura e de ausência de eleições diretas, os anos 1980 caracterizam-se pela reabertura política. Este contexto de volta da participação política pode ser percebido a partir das reportagens e notas em que se constata a valorização do voto. Ao todo, foram encontradas 16 reportagens durante a década que falam diretamente sobre o voto. Na edição de novembro de 1982, há uma reportagem da seção *MJ Comenta*, cuja chamada é “A decisão de um povo é mais forte que qualquer poder governamental”. A reportagem segue dando ênfase ao poder do voto, à importância de votar e dá instruções sobre como realizar a votação, explicando o funcionamento da cédula em 1982.

Em abril de 1986, o rodapé do jornal ilustrava a frase “voto não é mercadoria”. Nesta edição, o foco começava a se voltar para a eleição, especificamente para a escolha dos representantes para a Assembleia Constituinte, responsáveis pela elaboração do novo texto constitucional. Segundo o jornal, os rumos do país dependiam de quem seria eleito. Além disso, salientava a necessidade de se buscar um líder entre aqueles que estavam participando das lutas sociais, que pensasse no interesse e na necessidade da população ao invés de focar na elite e manter a forma de fazer política.

---

14 “Em 1984, em razão de suas teses ligadas à Teologia da Libertação, apresentadas no livro “Igreja: Carisma e Poder”, foi submetido a um processo pela Sagrada Congregação para a Defesa das Fé, ex Santo Ofício, no Vaticano. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções editoriais e de magistério no campo religioso. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, a pena foi suspensa em 1986, podendo retomar algumas de suas atividades.” Informação disponível em: <<https://leonardoboff.org/biografia/>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

O jornal alertava que, para fazer campanha, o candidato precisava ser financiado; portanto, o jovem deveria ficar de olho naqueles que tinham as melhores ideias, não naqueles que mais apareciam na mídia. Para finalizar, reiterava que o dever do eleitor não acabava no voto, pois era necessária a fiscalização do candidato; reiterava que “o estimado leitor do Mundo Jovem é testemunha de que ao longo deste ano, ao abordarmos mensalmente o tema constituição-constituente, insistiu-se nesta tecla: escolher bem os que vão falar em nosso nome” (*Mundo jovem*, abril de 1986, p. 11).

Em setembro, aparecia outra matéria exclusiva sobre o voto para representante na Constituinte. O texto solicitava ao eleitor que analisasse os motivos que o levavam a votar em um candidato e que este deveria refletir sobre eles. Para o caso de o motivo ser pelo fato de o candidato ter oferecido bolsa de estudos ao filho, ele deveria pensar se votaria apenas por isso e em que tipo de candidato estaria votando, uma vez que ele tentava comprar seu voto. O objetivo do texto, e isto é constante nos textos do *Mundo Jovem*, era que o leitor refletisse sobre quais características o candidato deve ter para ser eleito, evitando ao máximo, desta forma, eleger políticos que não tinham como foco o povo e as lutas sociais. Segundo o impresso, era necessário tomar cuidado para escolher como seu representante pessoas que não tivessem o passado “sujo”. No rodapé da edição de novembro, encontra-se impressa a frase: “É hora do voto. Diga não à corrupção”. Constata-se que o jornal tinha a preocupação em instruir seus leitores em todas as fases, desde a escolha pelo melhor candidato, explicando os efeitos do voto em uma pessoa politicamente engajada e que tinha como foco as necessidades do povo, até no momento de depositar e preencher a cédula.

A eleição de Tancredo Neves<sup>15</sup> também foi veiculada no jornal: primeiro presidente após o fim da ditadura militar, escolhido de forma indireta através do colégio eleitoral, o que foi motivo de indignação da parte do *Mundo Jovem*. Na edição de nº 170, em editorial que expunha as suas promessas, os editores destacam a esperança de que Tancredo Neves concluísse seu mandato. Neste início do governo civil, após 21 anos de ditadura, o

---

15 Tancredo Neves se formou em direito no ano de 1932, através da Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Posteriormente se vinculou ao partido progressista (PP), em 1935 foi eleito vereador, em 1937 entrou para o Partido Nacionalista Mineiro (PNM) cuja filiação acabou mediante ao implemento do Estado novo, ditadura de Getúlio Vargas, após a redemocratização em 1945, Tancredo Neves foi eleito como deputado federal pelo Partido Social Democrático (PSD) em 1950. Foi primeiro-ministro de João Goulart por um curto período, antes do golpe militar de 1964 se filiou mais uma vez ao PSD. Em 1964, se filiou ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) “afirmando-se como liderança da ala moderada do partido e como interlocutor do regime na discussão do projeto de distensão ‘lenta, gradual e segura’ do presidente Ernesto Geisel” (*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*, 2001).

medo da retomada do poder por meio dos militares estava presente.

Com o processo de escolha e a elaboração da nova constituinte, o *Mundo Jovem* se dedicou a publicar vários textos no decorrer do ano de 1986, com o objetivo de instruir os jovens. A partir da leitura deste impresso, fica evidente o sentimento de que era um momento de construção política. “O leitor do *Mundo Jovem* já percebeu que há milhares de candidatas a uma vaga na Constituinte. Isso é sinal que os rumos que este país tomará vão depender da composição das forças que vencerem nas eleições” (*Mundo Jovem*, abril de 1986, p. 2). O jornal apontava que o viés político e partidário do candidato era de suma importância para sua escolha, e mostrava que, caso votassem nos candidatos dos mesmos partidos que se perpetuavam no poder ou que tinham as mesmas ideologias políticas, o Brasil continuaria da mesma forma, e o governo não priorizaria o povo. O impresso reiterava que os seus leitores deveriam votar em candidatos engajados com a mudança, que atendessem às demandas do povo e que para isto os candidatos devem surgir dos grupos de base. Na edição de nº 185, uma instrução indicava os aspectos a serem considerados para que o candidato fosse considerado bom, e, portanto, elegível. Entre tais aspectos, destacava-se a atenção à sua posição econômica: “Que o candidato do povo seja do povo. É possível, por exemplo, acreditar que um latifundiário eleito vá defender a reforma agrária na Constituinte?” (*Mundo Jovem*, setembro de 1986, p. 5). Constata-se que a visão defendida pelo jornal se vinculava ao interesse do povo e à preocupação constante que os jovens leitores tivessem visão articulada com o bem-estar social.

Em 1989, ocorreu a primeira eleição presidencial pós-golpe militar e, obviamente, o *Mundo Jovem* se preocupou em explorar esse assunto. A seção política do jornal enfatizava o momento das eleições, contando com nove publicações no ano de 1989 especificamente direcionadas a esse momento importante na política nacional. Na edição nº 204, havia orientação sobre a escolha dos candidatos, sobre sua concepção a respeito do poder, de que forma eles iriam se posicionar no lugar do povo, se inteirar sobre as condições de distribuição de renda e seu posicionamento ante as condições do país. Já a edição nº 211 chama a atenção por apresentar os principais candidatos à presidência em conjunto com seu histórico, e foto. Dentre eles, estão Fernando Collor de Mello, Leonel Brizola, Paulo Maluf, Mário Covas, Luiz Inácio Lula da Silva e Ulisses Guimarães, nomes de políticos que tiveram participações significativas nesse período, de forma positiva e negativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1980 foi conturbada e cheia de novidades no cunho social e político. Os jovens nunca haviam votado para presidente e o poder constituído em uma cédula de voto precisava ser compreendido. Assim, o *Mundo Jovem* percebeu essa necessidade e investiu durante a década de 1980 em diversas formas de apresentar a nova realidade aos jovens, trazendo textos com o objetivo de informá-los sobre a história política do país e os desdobramentos que estavam sendo vivenciados, através de uma seção específica sobre o assunto.

A análise das capas, das reportagens e textos publicados pelo *Mundo Jovem* nos anos 1980, permite identificar um impresso que tinha como foco educar seus jovens leitores, que eram católicos, para que se engajassem na vida política em prol de uma sociedade mais justa. Constata-se, também, que o impresso nutria a esperança de que os jovens tomassem partido pela defesa dos mais pobres e necessitados, como pregava o catolicismo, principalmente a linha influenciada pela Teologia da Libertação. Dessa forma, o jornal trouxe diversas maneiras na tentativa de educar e elucidar o pensamento dos jovens, abordando a política de maneira leve e didática, além de assuntos como educação sexual, família, estudos e convívio social de acordo com os princípios da fé professada pelo jornal. Logo, o *Mundo Jovem* representou em suas páginas, a transformação social no âmbito da redemocratização do país que seria operada pelos jovens.

## REFERÊNCIAS

- Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 387-408.
- FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: quinta República (1985-2016)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 27-71.
- FICO, C. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. *Revista Tempo e Argumento*, [S. l.], v. 9, n. 20, p. 05 - 74, 2017. DOI: 10.5965/2175180309202017005. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017005>>. Acesso em:

16 abr. 2021.

- HERMANN, Nathália Jonaine. “Fiéis, ambiciosos e conservadores”: Jovens brasileiros nas revistas *Veja* e *IstoÉ* (1980-1999). Florianópolis, UDESC. Dissertação de mestrado em História. 2019.
- LOWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo de libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 303-320.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010. Tradução de Christian Edward Cyril Lynch.
- ROTHENBURG, Walter Claudius. Constitucionalidade e convencionalidade da Lei de Anistia Brasileira. *Revista Direito GV*, [s. l], v. 9, n. 2, p. 681-706, 1º jul. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revdireitogv/article/view/21449/20206>>. Acesso em: 2 dez. 2020.
- SANTOS, Lisandra Veiga dos. *Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem*. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação - Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SOUZA, Rui Antônio de. *Ideias de educação na comunicação do jornal mundo jovem: 1963 a 2005*. 2008. 155 p. Dissertação (Mestrado) - Comunicação Social - PUC, Porto Alegre/RS.

Recebido em 02/07/2021

Aprovado em 16/11/2021